

Posiçom de Agora Galiza no debate da candidatura galega

AGORA GALIZA :: 03/09/2015

Manifesto ao povo trabalhador galego, ao povo empobrecido e às forças políticas da Galiza

Ao longo do verao o debate sobre o formato dumha possível candidatura galega às eleições legislativas de final de ano, tem monopolizado boa parte da atividade política das forças patrióticas galegas e dos partidos da esquerda espanhola atuantes na Galiza.

Após o êxito de participação popular atingido no Dia da Pátria, em que por primeira vez o conjunto das forças nacionalistas e independentistas caminhámos conjuntamente com a adesom mais formal que real de IU, semelha lamentavelmente impor-se um modelo de convocatória que rebaixa o conteúdo e a reivindicaçom em favor dumha suposta “amplitude” de participantes.

Mas a manifestaçom do 25 de Julho convocada por um grupo de pessoas sem mais legitimidade que a sua maior ou menor projeçom pública, careceu da mínima exigível reivindicaçom soberanista e ruturista. Manifestámo-nos sem reivindicaçom e objetivo definido, sem caraterizar e precisar o que pretendemos como povo e como naçom. Agora pretende-se repetir algo similar com as eleições às Cortes espanholas.

Agora Galiza participou no Banquete de Conxo 2.0 do que nasceu Iniciativa pola Uniom, e continuamos no seu seio como força observadora, aguardando a síntese das posiçom antagónicas presentes e os resultados dos possíveis acordos com a plataforma vinculada às Marés? e portanto respaldadas por Anova, IU e Podemos.

Defendemos com veemência a necessidade de um processo de reagrupamento das forças políticas e sociais galegas, mas nom por oportunismo tático eleitoral e sim por necessidade estratégica. Aqui radicam as razons para mantermos a dia de hoje profundas divergências com a orientaçom imediatista e minimalista que se desprende das iniciativas que pretendem copar o campo eleitoral à margem dos principais partidos sistémicos.

Nom existe contradiçom alguma entre reivindicaçom nacional e social. Num País oprimido qualquer força progressista tem que fazer parte do movimento de libertaçom nacional. Na Galiza nom se pode ser coerentemente de esquerda e estar situado no mesmo campo que os partidos e poderes que demagógicamente se afirma combater.

Perante o desenvolvimento em curso consideramos necessário precisar e transmitir ao nosso povo:

1- A única forma de derrotar as políticas ultraliberais e reacionárias, a receita da austeridade e permanentes cortes que padece o povo trabalhador e o povo empobrecido, **é mediante a organizaçom e mobilizaçom popular.**

2- A rua foi sempre, é-o e será, o espaço onde se pode derrotar a ditadura da

burguesia, no nosso caso sob fachada democrática-, indissolúvelmente ligada a quebrar a opressão nacional que padece a Galiza.

3- É uma irresponsabilidade que as forças maioritárias da esquerda patriótica sigam alimentando o **fetichismo eleitoral**, neste caso abrindo as portas a flexibilizar o princípio de auto-organização nacional e a indiscutível reivindicação da soberania da Galiza.

Qualquer cessão neste âmbito é um engano que só beneficia o unitarismo espanhol e portanto os interesses das empresas do Ibex 35 e da UE de Merkel.

4- A solução estrutural ao atraso e dependência da Galiza, origem e causa agravante dos problemas diários que padecemos a maioria social que conformamos este País, está intrinsicamente vinculada à conquista de um Estado Galego soberano.

Sem recuperarmos a nossa independência nacional não é possível que o povo galego de forma soberana e democrática possamos quebrar o ciclo de agressões às conquistas sociais em matéria laboral, educativa, de saúde, às liberdades e direitos individuais e coletivos, que possamos evitar a destruição planificada do nosso idioma e cultura.

Sem recuperarmos a nossa independência nacional não é possível que o povo galego de forma soberana e democrática possamos desenhar um modelo económico endógeno e aut centrado, que defenda e recupere os nossos setores produtivos estratégicos, ecologicamente sustentável, decidir que podemos produzir em base aos nossos recursos e potencialidades.

Sem recuperarmos a nossa independência nacional não é possível que o povo galego de forma soberana e democrática possamos não só defender a nossa língua e cultura, mas promovê-la de forma decisiva com vistas a recuperar a hegemonia social que lhe corresponde para evitar a sua desaparecimento no conjunto do nosso território nacional.

Sem recuperarmos a nossa independência nacional não é possível que o povo galego de forma soberana e democrática possamos construir uma sociedade plenamente igualitária entre mulheres e homens, possamos erradicar o terrorismo machista e os efeitos mais brutais do patriarcado sobre mais de metade da população do nosso País.

Sem recuperarmos a nossa independência nacional não é possível que o povo galego de forma soberana e democrática possamos evitar esta planificada crise demográfica que nos condena a desaparecer, frear a emigração maciça da juventude e facilitar a sua volta à Pátria.

Sem recuperarmos a nossa independência nacional não é possível que o povo galego de forma soberana e democrática possamos estabelecer relações de fraternidade e solidariedade com o resto dos povos do mundo, fazer frente às políticas imperialistas da UE e dos EEUU que semeiam guerras, arrasam culturas e provocam êxodos de populações como os que nestes dias Ocidente pretende impedir com arame farpado.

5- A soberania e a independência nacional é o nó górdio de qualquer projeto político verdadeiramente ruturista. Não se pode depositar o futuro da Galiza a um

processo constituinte alheio ao nosso específico e diferencial quadro nacional de luta, confiando na “boa vontade” das forças espanholas, por muito que a dia de hoje se vistam de “esquerda ruturista” e proclives a umha “descentralização federal”, porque a nossa experiência histórica mais recente (Estatuto de 1936, Estatuto de 1981) constata que compartilham similar paradigma que os partidos do regime e nom cumprem com as promessas.

Nem Podemos nem IU vam facilitar o exercício de autodeterminação do povo galego pois só pretendem remendar a mesma Espanha que os une ao PP e ao PSOE. **A rutura com o regime nom procederá das filas da mal chamada “esquerda ruturista”, que só aspira a alternância sem mudar o paradigma espanhol.** O elo fraco do sistema som as luitas independentistas das nações oprimidas. Concretamente a dia de hoje a Catalunha.

6- Só se pode avançar na necessária e urgente unidade do povo trabalhador galego mediante umha **aliança articulada à volta dum programa claramente antineoliberal e feminista**, promovida polas forças organizadas no âmbito político, sindical e social em complementação com as pessoas dispostas a involucrar-se ativamente nesta tarefa.

Nom podemos legitimar que um reduzido grupo de figuras do mundo da cultura e do espectáculo, sem trajetória nem vagagem de luta, substitua o rol do povo auto-organizado.

Galiza como todas as sociedades do mundo está conformada por pessoas, mas as gentes que configuramos este País nom somos um todo homogéneo e amórfico. **Somos umha sociedade de classes, com contradições antagónicas entre a maioria social que conformamos o povo trabalhador, empobrecido e excluído e a minoria que se beneficia da nossa exploração e opressão.** Somos um País, onde fruto das políticas neoliberais que caracterizam esta fase de crise estrutural capitalista, se tenham agudizado as diferenças sociais.

Assim como a libertação nacional da Galiza só pode ser dirigida polo povo galego, assim como a emancipação das mulheres depende basicamente das mulheres, atingir umha sociedade baseada na justiça social, na distribuição equitativa das riquezas e nas liberdades corresponde ao povo trabalhador e ao povo empobrecido e excluído.

7- Agora Galiza, organização socialista e feminista galega de libertação nacional, somos umha **força com os pés na terra**. Nom procuramos remendos nem encaixes, nem termos peso ou capacidade de influir na metrópole madrilena, nom queremos conciliações com os inimigos da Galiza e do seu povo.

Como força política revolucionária agimos com a verdade sempre por diante. Nom contemplamos enganar o nosso povo. Eis polo que **nom podemos secundar os diagnósticos, nem muito menos os prognósticos triunfalistas** que se lançam das fileiras dos cavalos de Troia que procedendo do nacionalismo e do independentismo galego, facilitárom a penetração do espanholismo no movimento popular.

O regime emanado da maquilhagem franquista sofre um evidente desgaste e sabe que necessita reformas para a sua estabilidade e perpetuação. Porém, nom se acha em descomposição nem estamos assistindo a rebelião cívica alguma.

Precisamente em parte isto nom se produz pola ausência de forças ruturistas espanholas e porque o ilusionismo eleitoral desmobilizou o ciclo ascendente de luta de massas. As eleições legislativas de dezembro nom representam “ocasiom histórica”.

PSOE e PP som as duas caras do bipartidarismo. Podemos e Ciudadanos as peças auxiliares para perpetuar o chauvinismo espanhol e impossibilitar o exercício do direito universal de autodeterminação nacional.

8- Onde realmente o regime se joga o seu futuro é nas plebiscitárias da Catalunha de 27 de setembro. E precisamente no verdadeiro elo fraco que ameaça o regime do 78 as mal denominadas “forças ruturistas”, articuladas numha terceira via e portanto contrárias à independência da Catalunha, som o motor auxiliar do unitarismo espanhol, colaborando assim com os interesses da oligarquia e do grande capital.

9- A rutura emergerá do sucesso e capacidade de hegemonia social dos processos emancipatórios das naçons oprimidas por Espanha, dirigidas polas esquerdas independentistas e socialistas.

Eis polo que é tarefa prioritária reforçar organicamente a esquerda independentista com vocação de seduzir e contagiar o nosso povo na fê de vencermos com os nossos próprios meios, sem hipotecas a forças forâneas.

10- Tal como manifestamos no início deste manifesto Agora Galiza considera que os processos eleitorais som um frente de luta mais, nom o prioritário, mas sim relevante.

Porém, **qualquer participação da esquerda independentista numha candidatura nacional galega está condicionada polas seguintes condições:**

Plataforma eleitoral sob formato de coaligação ou frente de forças políticas, partido instrumental ou qualquer outro modelo, articulado à volta das organizações sociais, sindicais e políticas galegas mediante um processo combinado de caráter assemblear com a participação e integração de pessoas sem militância. Dotado de um programa genuinamente soberanista, antineoliberal e feminista. A representação parlamentar atingida terá plena personalidade jurídica e portanto soberania absoluta de qualquer grupo. Os seus objetivos som defender os interesses da Galiza e do nosso povo, combater o regime da segunda restauração monárquica, assumindo um rol antagónico a qualquer reforma constitucional ou facilitar alternância entre os partidos do regime.

11- Perante esta situação, **apelamos ao BNG** a nom ceder na defesa intransigente do princípio de auto-organização, **a Anova e às Marés** a despreender-se das alianças com o espanholismo, à totalidade do **independentismo galego organizado** a abandonar a apatia política eleitoral, e ao **conjunto das forças patrióticas galegas** a tecermos um amplo acordo com um programa avançado que permita que a Galiza como sujeito político próprio conte com umha poderosa voz rebelde nas instituições que nom nos representam.

Direção Nacional de Agora Galiza

Na Pátria, 1 de setembro de 2015

<https://galiza.lahaine.org/posicom-de-agora-galiza-no>